

Alguém passara as unhas no céu.

... era para começar assim, manhã limpa, algumas nuvens finas cortando o azul por cima dos morros, som do vento suave, ou silêncio. E aqui embaixo, nossa vida.

Mas não começa.

Então vamos contar a verdade.

Mês que vem, Alexandre Boezzio e Vale São José farão dezoito anos. O jovem está a poucos meses de se apresentar ao Exército. Vai usar uma farda, calçar os coturnos e sentir orgulho disso. Já a cidade, ela está a qualquer tempo de continuar como sempre foi. Se der tudo certo.

Aqui ainda se conserva, na essência, a tradição italiana e católica dos colonos que vieram antes da Grande Guerra. Homens de esperança, eles sofreram demais ao enfrentar a mata cerrada, se arranharam em unhas-de-gato, tropeçaram em raízes, enroscaram-se nos cipós e tiveram medo da mata cheia de tudo – leão baio, onça, cobras, bugios –, mas também vieram olhando as araucárias que derrubariam para construir, até que chegaram ao vale. Antes de erguerem as casas, escolheram o melhor lugar da capela e sua posição: a porta para o oeste, o sol a nascer por trás, fazendo a sombra da cruz abençoar o chão que escolheram para si. Na frente

seria uma praça, e desse modo é que foi. Por bastante tempo desceram do distrito vizinho os padres palotinos para rezar a missa, os batizados, os casamentos, no entanto suas visitas não eram regulares, e sempre dificultosas. Depois veio fixar-se um padre secular, mais tarde promovido a monsenhor. Homem de vontade firme, ele fez muito por aquele povo. Erigiu um seminário, preocupava-se mais que tudo com as vocações. Fez também outras coisas das quais ainda se falará.

Passados quase cem anos, o distrito emancipou-se politicamente. E o seminário, já falecido o monsenhor, fechou, o que escreveu o destino do recém nascido Alexandre: não podendo formar-se padre, seria militar. A decisão dos pais era irrevogável desde que o pequeno, seu único filho, ainda sujava as fraldas sem nenhuma culpa.